



GELP

Grupo de Estudos em
Língua Portuguesa

Nº 3 • Março 2026



UNITAU
Universidade de Taubaté



EXPEDIENTE

edUNITAU - Editora da Universidade de Taubaté

| Presidente

Profa. Dra. Leticia Maria Pinto da Costa

| Conselho Editorial

Prof. Dr. Mauro Castilho Gonçalves
Shirlei de Moura Righeti
Profa. Dra. Emari Andrade
Profa. Dra. Monica Franchi Carniello
Profa. Dra. Eliane Stevanato
Profa. Dra. Kátia Celina da Silva Richetto

| Consultoria Ad Hoc

Profa. Dra. Adriana Leônidas de Oliveira

| Equipe Técnica

Alessandro Squarcini
Grupo de Estudos em Língua Portuguesa - GELP
Sistema Integrado de Bibliotecas - SiBI

| Avaliação, parecer e revisão por pares

Esta obra foi avaliada por pares
e indicada para publicação

| Projeto gráfico

Capa: Sophia Almeida Peres
Diagramação: Sophia Almeida Peres
Revista: GELP
Impressão: Eletrônica (e-book)

Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBi/ UNITAU Grupo Especial de Tratamento da Informação – GETI

E111 e-GELP: boletim eletrônico do GELP [recurso eletrônico] /
organizador Emari Andrade; Gisele Maria Souza Barachati...
[et al.]. –Dados eletrônicos. – 2. ed. – Taubaté: EdUnitau, 2026.
1 recurso online (23 p.). – (Boletim Eletrônico do GELP; v. 3).

Formato: PDF
Requisitos do sistema: Adobe
Modo de acesso: world wide web

1. Leitura. 2. Escrita. 3. Literatura. 4. Letramento. I. Andrade,
Emari (org.). II. Barachati, Gisele Maria Souza. III. Amaral,
Isabel Rosangela dos Santos. IV. França, Renato. V. Freire,
Matheus Gabriel de Castro. VI. Título.

372.4

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Ana Beatriz Ramos – CRB-8/6318

Índice para Catálogo sistemático

Leitura – 372.4
Escrita – 808
Literatura – 800
Letramento – 372.6

Copyright © by Editora da UNITAU, 2026

Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada em sistema eletrônico, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos ou outros quaisquer sem autorização prévia do editor.



EXPEDIENTE

GELP - Grupo de Estudos em Língua Portuguesa

| **Direção do Instituto Básico de Humanidades (IBH):**

Prof. Dr. César Augusto Eugênio

| **Edição e coordenação do Grupo de Estudos em Língua Portuguesa (GELP):**

Profa. Dra. Emari Andrade

| **Articulistas**

Profa. Dra. Emari Andrade

Prof. Me. Matheus Gabriel de Castro Freire Oliveira

Profa. Dra. Miriam Bauab Puzzo (entrevistada)

João Victor Faria Gonçalves

Lucas Cassetari

Ruan da Silva



Apresentação

“Talvez atrás da história impressa haja uma outra, muito maior, que se modifica como acontece no nosso mundo. E talvez as letras não nos revelem mais do que aquilo que vemos quando espiamos pelo buraco de uma fechadura. Talvez elas sejam somente a tampa de uma panela que contém muitas coisas além das que podemos ler.”
(Cornélia Funke, *Coração de Tinta*, 2006, p. 151)

A epígrafe que abre a terceira edição do e-GELP é um convite para que, neste novo semestre, cada estudante da UNITAU, por meio da leitura, abra novas fendas para descobrir outros mundos, autores, técnicas, sociedades, problemas, questões. Você já pensou no privilégio que é fazer um curso universitário? Não só isso! Aqui, na UNITAU, você não está sozinho. Você é membro de uma grande rede, que se conecta, que investiga, trabalha, descobre e produz conhecimento junto com você. Se precisar de uma ajudinha nessa jornada, lembre-se, nós, do GELP, estaremos aqui.

Esta edição do e-GELP foi pensada para produzir um movimento de abertura de fendas, para levar você a descobrir outros mundos, seja por meio da literatura ou do cinema. O primeiro texto, *Agente secreto e a fenda secreta entre ficção e História*, do Prof. Matheus Oliveira, estabelece uma comparação única entre a obra cinematográfica de Kleber Mendonça Filho (2025) e a literária de José Saramago. Tenho certeza de que você vai se surpreender com as semelhanças entre a ficção e a História, sentindo-se também convocado a olhar o mundo ao seu redor de maneira diferente. Já o segundo, *A sociedade, suas máscaras e fendas: o olhar da literatura*, de Ruan da Silva, apresenta ao leitor dois contos machadianos, cuja leitura não somente é envolvente, mas é essencial para compreender a sociedade atual. O terceiro texto, *Murilo Rubião: uma breve apresentação*, de Lucas Cassettari, levará você a conhecer um daqueles autores cuja leitura o arrebatava por nocaute, de tão impactante que é. Quem sabe você não se encontra com seu novo autor favorito? Por fim, apresentamos uma entrevista inédita da Profa. Dra. Miriam Puzzo, do Programa em Linguística Aplicada da Unitau, que, generosamente, conversou com João Victor Faria Gonçalves a respeito da vida e obra da poeta Cecília Meireles. Está imperdível!

E se você escreve, compõe, ilustra ou mesmo fez uma resenha interessante de algum livro da sua área, mande para gelp@unitau.br. Quem sabe seu texto pode compor o nosso próximo volume.



ÍNDICE

06

O agente secreto e a fenda secreta entre ficção e História

09

A sociedade, suas máscaras e fendas: o olhar da literatura

13

Murilo Rubião: uma breve apresentação

16

O fazer poético de Cecília Meireles: entrevista com Miriam Puzzo

17

Leituras Poéticas



O AGENTE SECRETO E A FENDA SECRETA ENTRE FICÇÃO E HISTÓRIA

Matheus Gabriel de Castro Freire Oliveira ¹

Uma leitura pouco atenta à sinopse de *Memorial do convento*, obra de José Saramago (1982), aliada a seu título pode levar o leitor à expectativa de que o livro se trata apenas da edificação do Real Convento de Mafra, durante o reinado de D. João V - construção que mobilizou mais de 50 mil operários por quase 20 anos em Portugal. Para Saramago, porém, o convento, fruto da promessa feita pelo rei caso obtivesse sucessão a partir do casamento com a rainha D. Maria Ana, parece ser a desculpa para tratar da vida de Baltasar Mateus Sete-Sóis, um ex-soldado que perdera a mão esquerda em batalha; de Blimunda Sete-Luas, esposa de Baltasar e que é capaz de enxergar “por dentro” das pessoas; e de Bartolomeu Lourenço de Gusmão, padre que, informalmente, “casara” os dois anteriores. Tais personagens, então, formam uma espécie de “trindade” em torno do desejo do padre de voar: Baltasar é responsável pela construção da máquina, a partir do desenho de Bartolomeu, enquanto Blimunda recolhe as “vontades” dos vivos em um frasco de vidro, o que constituirá o éter que levantará a “passarola” do padre. A atuação da “trindade” ocorria em segredo, dada a preocupação perante os agentes da Santa Inquisição.

A seu modo, Saramago costura História e ficção com a linha da magia, mas o efeito dessa artemage - “Saramago lembrava que, no Alentejo, o povo usava a palavra ‘artemages’ para designar as artes mágicas” (Perone-Moisés, 2022, p. 11-12) - não é a hipérbole surrealista ou algo do tipo. Pelo contrário: a narrativa opõe a grandeza do convento (a marca da realeza) ao chão da realidade dos trabalhadores e, conseqüentemente, humaniza o discurso sobre a História. Talvez esse processo também ocorra no filme *O agente secreto*, de Kleber Mendonça Filho (2025). Há uma tendência, movida por uma necessidade democrática, de desvelamento de todo o horror cometido nos porões da Ditadura Militar brasileira. Até mesmo porque transparência parece ser um dos pilares dos regimes democráticos - tanto isso que, no primeiro governo de Dilma Roussef (2011-2014), foi instaurada a Comissão Nacional da Verdade, visando à elucidação das violações dos Direitos Humanos nos anos ditatoriais.

¹Matheus Gabriel Freire é Professor de Literatura Portuguesa da UnitaU, de Língua Portuguesa na Rede Pública de Ensino do Município de Taubaté e doutorando em Estudos Literários pela Unifesp. É apaixonado por histórias, sejam as escritas nos livros, sejam aquelas contadas pelo cotidiano, entre amigos, no carnaval, no futebol.

Democracia, transparência, verdade... um vocabulário que parece contrário à ideia de segredo. Os agentes secretos (tanto aqueles pró-ditadura quanto aqueles levados à força para a clandestinidade); as torturas ocorridas às escuras nos porões (e a necessidade dos torturados de guardarem segredo); a não publicação de documentos públicos; o mistério do sumiço de pessoas; tudo isso tende à ideia de que não há espaço para o segredo na democracia.

Segundo essa lógica, nós, espectadores, talvez esperemos, em se tratando de longas que tratam da Ditadura Militar, uma linearidade na narrativa que dê conta de separar agentes ditatoriais e agentes da resistência; de elucidar eventos históricos; de construir figuras exemplares e não-exemplares, objetivando a construção coletiva de uma memória que aponte para o futuro, para um país mais democrático. Essa linearidade, entretanto, é quebrada em *O agente secreto* diversas vezes. Não é de maneira clara e linear como o espectador conhece a história de Marcelo – o segredo que esconde o nome de Armando –, personagem de Wagner Moura. Para citar dois desses momentos de quebra: a volta recorrente da *Perna Cabeluda*, a narrativa dentro da narrativa, oriunda de relatos populares, já que a perna é personagem principal de uma lenda urbana que circulava em Recife, na década de 70; e a presença da gata (ou das gatas) de duplo nome Liza e Elis (Carminha é o nome da gatinha, vencedora do Golden Beast – Bicho de Ouro –, concedido pelo *The New York Film Festival*), porque tem dupla face, que surpreende Marcelo logo quando chega ao refúgio de Dona Sebastiana, brilhantemente interpretada pela atriz Tânia Maria. Aí estão duas passagens, para não citar outras, em que algo de mágico, sem desvelamento, traça uma costura entre ficção e História inusitada.

Essa fenda secreta entre uma coisa e outra parece querer sumir quando Dona Sebastiana surge em cena, pois a confusão entre o que se espera de uma líder revolucionária e de fato como se apresenta a personagem, tão brasileira, faz com que não saibamos quem sorri ao contracenar com ela: Marcelo ou Wagner? Há uma brasilidade no filme de Kleber Mendonça que nos afeta diretamente, porque nos conecta com aquilo que somos no chão da realidade. Portanto, assim como *Memorial do convento* trata mas não trata da construção do convento, *O agente secreto* trata mas não trata da Ditadura, porque trata sobretudo das pessoas deste país, especialmente as de Recife.

Num outro momento de tensão entre aquilo que consideramos ficção e aquilo que poderíamos considerar crônica histórica, há a cena em que uma patroa chega à delegacia para se defender da acusação de negligência que resultara na morte do filho de sua empregada doméstica. No filme, o aparato do Estado é mobilizado para proteção da patroa. Há, no longa, uma espécie de espelhamento do caso ocorrido em junho de 2020, quando Miguel Otávio Santana da Silva, com então 5 anos, caiu do 9º andar de um prédio de luxo em Recife, enquanto sua mãe, Mirtes Renata, passeava com o cachorro da patroa, Sari Corte Real. Imagens das câmeras mostraram a patroa colocando o menino sozinho no elevador, o que resultou, posteriormente, em sua queda. Apesar da condenação, em segunda instância, a 7 anos de prisão em regime fechado pelo crime de abandono de incapaz com resultado morte, Sari Corte Real ainda recorre em liberdade, seis anos após o crime. Outra vez, a narrativa dentro da narrativa, a sobreposição interna após o espelhamento externo.

Ao final do filme, a pesquisadora Flávia (interpretada por Laura Lufési) viaja a Recife para conhecer Fernando (também interpretado por Wagner Moura), porque conhecera a história de Marcelo, pai do agora médico, por meio de uma pesquisa a partir de gravações do período ditatorial. O encontro ocorre num centro de doação de sangue, onde Fernando trabalha. Para além da ficção, esse centro existe em Recife: Banco de Sangue Hemato e está no lugar do antigo cinema Boa Vista (no filme, Fernando relata que fora ali o local onde assistira a *Tubarão*). A destruição do cinema para a construção do centro de doação é exemplar para reflexão sobre a passagem do tempo e seus efeitos na arquitetura e na preservação da memória das cidades. Essa tendência ao apagamento das margens entre ficção e História ocorre mesmo nesse sentido de reflexão sobre a memória: da tentativa de recuperá-la ao mesmo tempo em que a perde. O objetivo de Flávia com o encontro era entregar a Fernando os arquivos que contam a história de Marcelo: de certa forma, a tentativa de capturar aquilo que se perdeu. É segredo para nós o que o filho faz com o material. Um pouco antes do diálogo, Flávia pede para ver a bolsa de seu próprio sangue, colhido para doação. O próprio sangue que esvai, visto; o eu fora do eu; a materialização dos antepassados, dos mortos, que escapa e que se captura; enfim, a memória (in)capturável

No *Memorial do convento*, quando o padre Bartolomeu decide mostrar seu segredo, a máquina de voar, para o músico Scarlatti, o religioso “trazia na mão um pano que tirara do bolso, Só de olhos vendados se chega ao segredo, disse, sorrindo, e o músico respondeu, em tom igual, Quantas vezes assim mesmo se volta dele” (Saramago, 2017, p. 185). Quem sabe uma das lições de *O agente secreto* sobre a História não seja essa: continuarmos contando histórias secretas para refazermos eternamente a nossa memória? De olhos vendados, circundarmos o segredo, e assim mesmo voltarmos dele, enquanto aí damos alguma forma a algo que já se perdeu.



A sociedade, suas máscaras e fendas: O olhar da literatura

Ruan da Silva²

Olá, aluno Unitau. Você já ouviu falar de um escritor chamado Machado de Assis? Tenho quase certeza que sim. E, talvez, a sua relação com ele não tenha sido muito interessante, já que a maioria dos brasileiros acabam conhecendo o autor por meio do ensino médio, com aquelas leituras obrigatórias, que acabam tornando a leitura maçante e desestimulante. Mas pode ficar tranquilo, não precisa ter lido “Memórias Póstumas de Bras Cubas” ou “Dom Casmurro” para entender este texto. Eu quero fazer você enxergar a literatura de Assis de uma forma diferente, por meio de dois contos e da teoria “A máscara e a fenda”. Sendo assim, vamos juntos tentar consertar essa relação de amor e ódio com esse escritor fenomenal, ou só manter uma relação de amor, se você é um dos que já ama a ironia machadiana.

Antes de falar de sua obra literária, comecemos por sua biografia. Para isso, veja esta foto e responda a uma pergunta: qual era a cor de Machado de Assis?



Pode parecer uma pergunta boba, mas essa foto parece retratar Machado de Assis como branco, e ela não é a única imagem que faz isso. Esse fenômeno não foi uma simples coincidência ou descuido, foi um projeto arquitetado pela elite cultural do Brasil, que visava a um embranquecimento de Machado de Assis.

Para entender melhor isso, é importante irmos à biografia do escritor e lembrarmos que ele nasceu no ano de 1839 (mais de quarenta anos antes da escravatura ser oficialmente abolida no Brasil), filho de Maria Leopoldina Machado de Assis (uma lavadeira) e de Francisco José de Assis (um pintor de paredes). Sendo assim, como poderia o maior ou um dos maiores escritores do país ser do povo que é oprimido por essa pátria? Ficaria feio demais para a elite cultural retratá-lo dessa forma, você não acha?

²Meu nome é Ruan da Silva, tenho 20 anos, estou no 7º período do curso de Letras na UNITAU. Faço parte do Grupo de Estudos em Língua Portuguesa (GELP), sou bolsista do Programa Institucional Brasileiro de Iniciação à Docência (PIBID), trabalho como estagiário na escola SESI e sou apaixonado por literatura.

Agora, a última questão antes de começarmos as leituras dos contos, eu prometo: é interessante pensarmos sobre uma teoria de um dos maiores teóricos literários do Brasil: o Alfredo Bosi. Ele, no livro “Machado de Assis: O enigma do olhar”, escreve sobre as máscaras e as fendas presentes na obra de Assis. Bosi escreve: “A sociedade levantou um muro entre as classes, mas esse muro tem as suas fendas. É possível às vezes passar de um lado para o outro, não precisamente pelo trabalho, mas cultivando e explorando as relações ‘naturais’”. Ou seja, talvez, se você vestir uma “máscara social”, você pode fazer parte desse “teatro da hipocrisia” e explorar as relações “naturais”. Sendo assim, vamos, sem mais delongas, embarcar na história de Fernão Mendes Pinto, que é o protagonista do conto “O segredo do Bonzo”.



O conto, narrado em primeira pessoa, relata as experiências malucas vivenciadas por Fernão Mendes Pinto em sua viagem para o reino de Bungo, mais especificamente na cidade Fuchéu no ano de 1552. A história começa a ficar estranha quando, ao caminhar pelas ruas com seu amigo Diogo Meireles, Fernão vê um grupo de pessoas maravilhadas com as palavras de Patimau. O homem dizia que havia descoberto a origem dos grilos: eles teriam surgido do ar e das folhas de coqueiro sob a luz da lua nova. Após falar sobre sua teoria e sobre como só pessoas estudadas como ele podem realizar tal descoberta, Patimau é ovacionado pelo grupo de pessoas.

Após isso, os dois amigos continuam suas caminhadas e se deparam com outra cena muito parecida. Dessa vez, era Languru o sabichão. Ele dizia que “descobriu o princípio da vida futura, quando a terra houvesse de ser inteiramente destruída, e era nada menos que uma certa gota de sangue de vaca”. Continuando as caminhadas, os dois topam com Titané, que diz saber de onde vêm tantas teorias absurdas. Sendo assim, guiados por Titané, os dois vão se encontrar com um certo bonzo, que é o criador da doutrina responsável pelas teorias.

Chegando lá, eles conversam com Pomada, o tal bonzo. Ele diz que sempre quis buscar muito conhecimento, ler, desenvolver ideias; mas nunca era verdadeiramente reconhecido por isso, mas o produto final era. Logo, ele chegou à seguinte conclusão: “se puserdes as mais sublimes virtudes e os mais profundos conhecimentos em um sujeito solitário, remoto de todo contato com outros homens, é como se eles não existissem. Os frutos de uma laranjeira, se ninguém os gostar, valem tanto como as urzes e plantas bravias, e, se ninguém os vir, não valem nada; ou, por outras palavras mais enérgicas, não há espetáculo sem espectador”.

Após conhecerem a doutrina do bonzo, eles saem fazendo as suas próprias experiências como “pomadistas”: Titané, que era alpercateiro, começa divulgar que suas alpercatas faziam o maior sucesso no exterior (mentira) e começa a vender horrores; Fernão Mendes Pinto começa a tocar um instrumento chamado charamela, que ninguém conhece, e, mesmo tocando mal, fica famoso; e por último e mais bizarro, Diogo Meireles, que era médico, põe em prática a doutrina pomadista por meio da medicina: uma vez que a cidade passava por uma epidemia de narizes ficando inchados, Diogo decide inventar uma nova operação cirúrgica, a de trocar narizes doentes por narizes metafísicos.

Dessa forma ele sai desnarigando os cidadãos de Fuchéu, e adivinhe: ele recebe muitos aplausos por isso, e os desnarigados continuavam a coçar seus narizes metafísicos.

Esse conto é uma representação prática de como você pode passar pelas fendas dos muros entres classes vestindo máscaras, ou “cultivando e explorando as relações ‘naturais’”. Dessa forma, é possível fazer uma conexão da teoria com a própria vida de Machado de Assis, que precisou, de certa forma, vestir uma máscara social para fazer parte dessa elite cultural. Claro que isso não diminui em nada a obra de Machado, mas é interessante perceber como outros autores que, de certo modo, não vestiram tal máscara, não conseguiram uma devida ascensão social, como é o caso de Lima Barreto, contemporâneo a Machado de Assis.

Antes de embarcarmos no próximo conto, vamos escutar a música “juízo final” de Nelson Cavaquinho, um clássico da música brasileira.

Juízo Final



Escute aqui



Após escutar a música, tente responder à seguinte pergunta: você acha que o mau acabará algum dia? Pergunta difícilíssima, né? Machado de Assis dá uma possível resposta a essa grande questão no conto “A igreja do diabo”.



Leia aqui



O conto, narrado em terceira pessoa, narra a história da vez que o Diabo, sim o coisa ruim, tenta abrir sua própria igreja com sua própria doutrina. Após chegar a tal ideia mirabolante, o Diabo decide ir contar para Deus o seu novo plano maligno, e é recebido pacificamente por seu inimigo mortal. Lá o Diabo anuncia que “não tarda muito que o céu fique semelhante a uma casa vazia, por causa do preço, que é alto.” Uma vez que seguir a doutrina cristã é muito caro, pois exige muito do ser humano. Porém, a doutrina do Sete pele é tranquila de ser seguida, e pode ser obedecida por todos os humanos de todas as religiões, como se fosse uma religião universal.

Sem botar muita fé nas palavras do Diabo, Deus nem se preocupa com a afronta, e o Diabo desce às pressas para a Terra contar a boa nova aos homens. De início, as pessoas ficam com medo, mas logo são convencidas pela lábia do Mochila de criança. Ele discursa e argumenta que todos os pecados são, na verdade, as reais virtudes. Como a venda, o Diabo diz que ela é um “o exercício de um direito superior a todos os direitos. Se tu podes vender a tua casa, o teu boi, o teu sapato, o teu chapéu, coisas que são tuas por uma razão jurídica e legal, mas que, em todo caso, estão fora de ti, como é que não podes vender a tua opinião, o teu voto, a tua palavra, a tua fé, coisas que são mais do que tuas, porque são a tua própria consciência, isto é, tu mesmo?”.



Sendo assim, os humanos são convencidos pela doutrina que prega que o maior pecado é a caridade e começam a seguir o Diabo.

Porém com o passar do tempo, o Coisa ruim tem uma grande surpresa ao ver que seus seguidores realmente faziam muitas maldades, porém, às escondidas, faziam bondades aos próximos. Como é o caso de um ladrão camelos que “que tapava a cara para ir às mesquitas. O Diabo deu com ele à entrada de uma, lançou-lhe em rosto o procedimento; ele negou, dizendo que ia ali roubar o camelo de um drogomano; roubou-o, com efeito, à vista do Diabo e foi dá-lo de presente a um muezim, que rezou por ele a Alá”.

Furioso com seu fracasso, o Diabo vai tirar satisfações com Deus, e o todo poderoso responde tanto ao Diabo quanto à questão vista anteriormente: “Que queres tu, meu pobre Diabo? As capas de algodão têm agora franjas de seda, como as de veludo tiveram franjas de algodão. Que queres tu? É a eterna contradição humana”. Ou seja, todos vestem máscaras que, entre quatro paredes, acabam caindo e mostram a verdadeira face da “eterna contradição humana”.

Portanto, espero ter feito você, aluno Unitau, se reaproximar desse autor genial que deve ser lido por todos e, principalmente, por todos os brasileiros; e conhecer um outro lado menos conhecido de Machado de Assis: o lado contista, já que a genialidades de seus romances acabam ofuscando os seus contos, que são tão bons quanto.

Murilo Rubião:

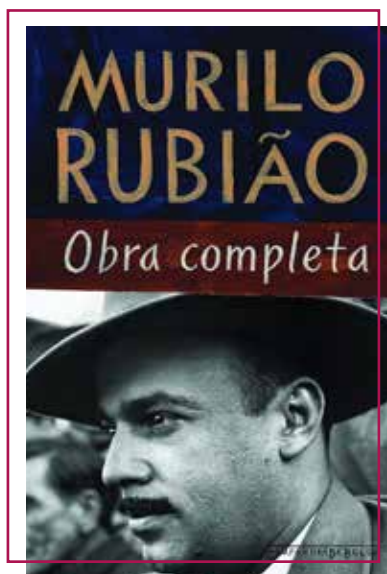
Uma breve apresentação

Lucas Cassettari ³

Muito pode se dizer da obra de Murilo Rubião, mas faltam palavras para descrevê-la.

Murilo Eugênio Rubião (1916-1991) escreveu muito pouco em sua vida, de modo que sua obra completa não chega a trezentas páginas, mesmo assim, esse mineiro de Silvestre Ferraz — atualmente Carmo de Minas — inaugurou no Brasil a literatura fantástica, e foi o primeiro escritor nacional cuja escrita recebeu rótulo de “realismo fantástico”, como a de Gabriel Garcia Márquez e outros, mesmo que Murilo tenha começado a escrever muito antes do colombiano, consagrado por “Cem anos de Solidão”.

³Lucas Cassettari é aluno do 5º semestre de letras da UNITAU e bolsista do GELP. Artista de caráter surrealista, costuma só estar de corpo presente, afinal, a cabeça pode estar em qualquer lugar, talvez na lua, quando não em outro mundo.



Murilo tem como grandes inspirações a Bíblia e Machado de Assis. A Bíblia, Murilo considera a mãe de sua fantasia, de seu “olhar mágico”, já Machado ele tem em alta estima, como a epítome do que significa escrever. Tal combinação atípica, entre um escritor realista e um livro “fantástico”, ressoou na literatura de Rubião enormemente. Suas histórias não têm exatamente um final, ao menos não um satisfatório, resolutivo dos problemas. Seus finais são sempre amargos e com pouco gosto de encerramento.

Por mais fantásticas que sejam suas histórias, Murilo trata a vida de forma realista, portanto, melancólica, e, posso dizer, fantástica.

A fantasia em sua obra vem como retrato do indizível da vida, daquilo que está lá, mas nos falta sensibilidade para descrever ou olhar. Assim como o sonho, sua obra traz o mais profundo de nós.

Naturalmente isso nos faz lembrar de Machado. O homem que destronou o “dond-quismo parnasiano” com a história de um homem morto. Afinal, quem mais honesto e objetivo sobre a vida, que alguém que já a observa de fora, de dentro de uma cova? Assim como Machado, Murilo está interessado no sentimento profundo, na desilusão, no pavor, na dor secreta, no segredo. Portanto, o que há de fato, para além do visível. Alguns chamariam isso de magia, mesmo que a verdade oculta seja uma traição.

Em alguns de seus principais contos, vemos essa “verdade”, estampada em surrealistas letras garrafais. Como em *O Coelhoinho Teleco*, *O pitoresco Zacarias* e *O ex-mágico da taberna minhota*. Em *O coelhoinho Teleco*, obra que Murilo adverte como sua versão do mito do rei Édipo, o escritor explora a seu modo o drama humano do destino, do que é ser e o que é ser, assim como Sófocles em sua obra. Em *O ex-mágico da taberna minhota*, Murilo expressa a burocracia e a vida em sociedade como uma experiência kafkiana: o que Murilo, um burocrata, que chegou a trabalhar para JK, entendia bem. Já em *O pitoresco Zacarias*, Murilo leva ao extremo a ideia de uma “honestidade póstuma”, colocando um morto não só como narrador da história, mas protagonista de sua vida. Zacarias, nome bíblico, talvez faça alusão a Zacarias, pai de João Batista, que foi silenciado, mas depois voltou a falar, contudo, o Zacarias de Rubião só pode falar verdadeiramente, e no caso da história, de viver, depois de já falecido.

E as referências e alusões bíblicas não param por aí. Todo conto de Murilo se inicia com uma situação bíblica, e se encerra como uma oração a vida.

Murilo une o complexo simbolismo bíblico com o que há de primor na literatura realista. Ele, por exemplo, assim como Lima Barreto e o próprio Machado, tem como característica um retrato satírico e cru da burocracia nacional, que, misturado com o “jeito muriliano de escrever”, torna-se um tragicômico burocrático, muito similar a Kafka.

Semelhança é puramente acidental. Murilo revela que nunca havia lido nada de Kafka, apesar de muitos críticos atribuírem a ele o rótulo de “influência para Murilo Rubião”. Os temas são parecidos e seus textos ficam entre o ateísmo e o otimismo, o cômico e o trágico, o horror e o belo, em narrativas que dispensam um fim como conhecemos. Essas características revelam em suas páginas a suspensão de um mundo em uma espiral descendente para lugar nenhum.

Murilo conta que só veio a ler Kafka após a sugestão de Carlos Drummond de Andrade, admirador do *Ex-mágico da taberna minhota*, a quem Murilo guardava grande respeito, e uma cortês troca de cartas. Mas eles nunca chegaram a se conhecer pessoalmente, ao menos não devidamente. Certo dia, em certo elevador, Murilo e um de seus amigos, esperando pacientemente seu andar, têm como companhia na caixa de metal um senhor esquisitinho de grandes óculos. Timidamente, o velho homem pergunta a Murilo:

— O senhor é Murilo Rubião, que escreveu *O ex-mágico*?

Murilo responde que sim, e após um aperto de mãos cortês, o senhorzinho de grandes óculos volta ao acaso de onde veio. Espantado, o amigo de Murilo pergunta:

— Você sabe quem ele era?

— Não — Responde Murilo, confuso.

A revelação:

— Ele era Carlos Drummond!



E esta foi a única vez que os grandes escritores se encontram. Um encontro tão atípico e tão comum quanto as histórias de Murilo.

Para saber mais: <https://murilorubiao.com.br> - nesse sítio, de acesso livre, é possível ter acesso a textos, imagens, documentos originais, manuscritos do autor.

O fazer poético de Cecília Meireles:

Entrevista com Miriam Puzzo ⁴

João Victor Faria Gonçalves ⁵

Nessa entrevista, ocorrida nas dependências do GELP, vemos a Professora Miriam Bauab Puzzo, de currículo e formação ímpares, discorrer acerca da poeta brasileira Cecília Meireles. O interesse dessa professora pela poeta foi tão grande que a levou a escrever um livro, resultado de um trabalho de pesquisa de sua tese de doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada: *Problemático Não-Lugar Do Fazer Poético De Cecília Meireles: Os temas musicais em relação ao contexto social*, em que a autora demonstra um grande conhecimento e uma grande sensibilidade a respeito da poesia e da pessoa de Cecília Meireles. Essa entrevista condensa, de maneira clara e didática, esse conhecimento. Quer conhecer um pouco sobre a vida e obra de Cecília Meireles?

Clique no link e assista à entrevista.

<https://drive.google.com/file/d/1aw7wa0kqmFcm-qnUpDIGRtT8eY71TKnt/view>



⁴ Possui graduação em Letras pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de São José do Rio Preto (1967), graduação em Pedagogia pela Universidade do Vale do Paraíba (1973), mestrado em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (1997), doutorado em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo (2004) e pós-doutorado em Linguística na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2008) pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. Atualmente é professora aposentada da graduação na Universidade de Taubaté, é professora do Programa de Mestrado em Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté.

Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Língua Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: linguística, literatura brasileira, jornalismo e publicidade. Integra grupos de pesquisa do CNPQ: Estudos Bakhtinianos (ANPOLL); Linguagem, discurso e ensino (USP); As relações dialógicas entre enunciadores e contexto social e as transformações genéricas em diversas esferas de produção, recepção e circulação dos gêneros discursivos. Grupo de estudos Decoloniais (UNITAU). É associada ao GEL, ALED, ALFAL, JADIS/CIED, SEDIAR, ALAB.

⁵ É aluno do quarto semestre do curso de Letras da Unitau. Ama estudar o que envolve linguagem, mormente Gramática, e também literatura.



Leituras Poéticas

João Victor Faria Gonçalves

Olá, caro leitor da Unitau: nesta edição do Boletim do GELP mergulharemos aqui em uma escritora brasileira muito importante, pois aprofundou temas como: o louvor às coisas pequenas, o destino, os valores espirituais, as indagações últimas do ser humano, a natureza etc. (algum indício de quem seja??). Hoje, vamos tratar de uma poeta que, antes de ser reconhecida, de acordo com críticos, como “a maior poetisa da língua portuguesa”, não obteve reconhecimento facilmente, sendo duramente criticada por alguns célebres nomes da poesia de sua época, como Oswald Andrade e Antônio Cândido: refiro-me a Cecília Meireles.

Você pode me questionar: por que esse grande nome da poesia brasileira sofreu crítica desses autores?

Veja isto:

“A Sra. Cecília Meireles é uma espécie de Morro de Santo-Antônio, que atravanca o livre tráfego da poesia. Com sua celebridade madura, continua a fazer verso arrumadinho, neutro e bem cantado, com fitinhas, ou melhor fitilhos e bordados. Sem dizer nada, sem transmitir nada. Mesmo sem sentir nada.”, diz Oswald Andrade (Andrade, [s.d.], p. 369). Antônio Cândido, na mesma linha, escreve: “Não se observa nela nenhum impulso de investigação temática. Quando muito um vago de saudade, amor perdido ou inatingido e solidão [...]” (Cândido; Castello, 1968, p. 113).

Por quê?

A fim de que entendamos, havemos de nos recordar do “modelo” de poesia que se escrevia na época. Com o advento da industrialização, depois da primeira Guerra Mundial, a necessidade de uma nova estética literária surgiu; essa nova estética viria a romper, até aquele momento, o padrão literário, dando início a um novo jeito de fazer literatura. Esse estilo tinha características, tais como: ruptura com a linguagem acadêmica; valorização da identidade e da cultura brasileira e nacionalismo.

A ideia era a de se desconectar de uma poesia que não fosse genuinamente “brasileira”, e é exatamente aí que emerge o problema com Cecília: argumentaram que (sem negar o seu talento literário-artístico) seus poemas não eram de acordo com a sua realidade, seu tempo, e que esse tempo pedia algo mais: mais “brasileiro”, mais engajado, mais político, mais social, mais revolucionário etc., bases das quais os poemas de Cecília Meireles não partiam.

“Tudo bem, então é só isso?”.

Não!, Não é só isso – a menos que você entenda como totalmente insignificante sua condecoração de: “maior poetisa da língua portuguesa”.

Entretanto, para entendermos como a nossa amada poeta, cronista, teatróloga, tradutora, educadora, pintora e dramaturga atingiu esse feito, e, por cima de todas as críticas que passaram sua carreira, por incisivos autores da época, tornou-se quem é, conheçamos um pouco de Cecília Meireles, e, a conhecendo, entendamos: o que ela escrevia, como e de que modo escrevia – e por quê.

Vida da autora:

Cecília Benevides de Carvalho Meireles nasceu em 7 de novembro de 1901, no Rio de Janeiro, e também nele morreu, em 9 de novembro de 1964. Aos três anos de idade, sua mãe morreu, e Cecília se mudou para as imediações das ruas Zamenhoff, Estrela e São Carlos, passando a morar com sua avó materna, que a criou junto com Pedrina, babá de Cecília Meireles. Sua avó materna, entretanto, não permitia que Cecília Meireles saísse de casa para brincar, o que levou a autora a conviver, desde cedo, com a solidão e com o silêncio. Plim! Já temos uma dica aqui: se nós olharmos para esse contexto, essa situação de Cecília Meireles, seu recolhimento, sua observação quieta do mundo desde a infância, isso nos ajuda a compreender a obra de Cecília, que é o que veremos agora:

Vamos começar com um de seus poemas mais famosos (e belos, na minha opinião), chamado *Motivo*, que é o primeiro de “Viagem”:

Motivo

Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.
Irmão das coisas fugidias,
não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
no vento.
Se desmorono ou se edifico,
se permaneço ou me desfaço,
- não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.
Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:
- mais nada.
(*Meireles, 1939*)

Ou este:

Encomenda

Desejo uma fotografia
como esta - o senhor vê? - como esta:
em que para sempre me ria
como um vestido de eterna festa.
Como tenho a testa sombria,
derrame luz na minha testa.
Deixe esta ruga, que me empresta
um certo ar de sabedoria.
Não meta fundos de floresta
nem de arbitrária fantasia...
Não... Neste espaço que ainda resta,
ponha uma cadeira vazia.
(*Meireles, 1939*)

Ou ainda este:

Despedida

*Por mim, e por vós, e por mais aquilo
que está onde as outras coisas nunca estão,
deixo o mar bravo e o céu tranquilo:
quero solidão.*

*Meu caminho é sem marcos nem paisagens.
E como o conheces? - me perguntarão.*

- Por não ter palavras, por não ter imagens.

Nenhum inimigo e nenhum irmão.

Que procuras? - Tudo. Que desejas? - Nada.

Viajo sozinha com o meu coração.

Não ando perdida, mas desenhada.

Levo o meu rumo na minha mão.

A memória voou da minha frente.

Voou meu amor, minha imaginação...

Talvez eu morra antes do horizonte.

Memória, amor e o resto onde estarão?

Deixo aqui meu corpo, entre o sol e a terra.

(Beijo-te, corpo meu, todo desilusão!

Estandarte triste de uma estranha guerra...)

Quero solidão.

(Maireles, 1945)

Você consegue perceber a relação temática que esses poemas têm entre si? Todos eles abordam, de algum modo, temas como o vazio, o “não lugar”, o silêncio e a tranquilidade. Aquilo que em seus poemas fica explícito não é, como já vimos, o nacionalismo ou a revolução: Cecília fala do que ela vê, do que ela sente e como sente. Nesse sentido, de fato observamos certa desconexão de Cecília Meireles, um anacronismo e uma verdadeira simplicidade no conteúdo de seus poemas. Mas será que é isso mesmo?

Vamos ver o que outros críticos escreveram sobre ela:

“Cecília levita, como um puro espírito, nos seus transe de inspiração, na linha demarcadora que limita o consciente objetivo e o sensitivo subconsciente lírico, místico e imaterial. É essa instabilidade entre os dois mundos que forma a constância do mistério de sua poesia.”, diz Mennotti del Picchia (Delpicchia, p. 46).

Além de que, no tocante a Otto Maria Carpeaux, segundo o livro *Problemático* não-lugar do fazer poético de Cecília Meireles: os temas musicais em relação ao contexto social, de Miriam Bauab Puzzo, esta escreve: “[...] Otto Maria Carpeaux assinala um recurso estilístico de composição poética pela assimilação de fontes nacionais folclóricas, resultantes de pesquisa sistemática efetuada pela poeta.”. “[...] Tendo em vista essa característica peculiar à obra da autora, Carpeaux acentua seu caráter individual, responsável pelo difícil enquadramento no processo evolutivo da poesia brasileira. Compara ainda Cecília Meireles a alguns poetas simbolistas de origem francesa que resistiram ao tempo, permanecendo poetas modernos, mesmo após a decadência do movimento. Atribui à sua poesia esse caráter intemporal obtido pelo equilíbrio entre distanciamento e engajamento tal qual ocorre com Valéry, Rilke, George, entre outros que renasceram após o Simbolismo de acordo com Bowra.” (Puzzo, 2025, p. 25).

Por meio desses críticos, entendemos que não há somente um modo de fazer poético. Embora Cecília Meireles não tenha recebido destaque pelo impacto social de seus textos, recebeu-o por outras vias: seu ecletismo, que lhe permitia destrinchar diversos assuntos, sua maneira de discorrer sobre a morte, a espiritualidade, o destino; seu amor à natureza, e a sensibilidade com a qual a tratava; a aceitação, em suma, da vida como ela é.

Para terminar, deixo mais um poeminha dela com vocês, para instigar-lhes a curiosidade de ler Cecília Meireles:

Epigrama n.º 5

*Gosto da gota d'água que se equilibra
na folha rasa, tremendo ao vento.
Todo o universo, no oceano do ar, secreto vibra:
e ela resiste, no isolamento.
Seu cristal simples reprime a forma, no instante incerto:
pronto a cair, pronto a ficar – límpido e exato.
E a folha é um pequeno deserto
para a imensidade do ato.*

(Maireles, 1939)

Eu nem precisaria dizer mais nada...

Se você gostou desse conteúdo, ficam aqui dicas para que você possa conhecer o tema um pouco mais de perto:

Livros:

- **Problemático Não-Lugar Do Fazer Poético de Cecília Maireles**, da escritora e professora Miriam Bauab Puzzo;
- **Crônicas da Província do Brasil**, de Manuel Bandeira.

Vídeos:

- <https://youtu.be/IEO0O-W3q44?si=bVVUbdYPKGY8uiLA;>
- <https://youtu.be/T2VjJdQqqHs?si=OuvhAb82j4la6kdE;>
- <https://www.youtube.com/live/dEQh71umq0I?si=v2kWTGkSF-zN63C77>

SITES:

- **Portal Domínio Público** (em que podem ser encontrados materiais sobre Cecília Maireles);
- **Site da ABL** (Academia Brasileira de Letras), em que Cecília Maireles recebeu o Prêmio Olavo Bilac, 1938, e o Prêmio Machado de Assis, em 1964. Coisas importantes a respeito da vida e obra de Cecília Maireles podem ser encontradas lá



REFERÊNCIAS

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **As artemages de Saramago**: Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

SARAMAGO, José. **Memorial do convento**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

O AGENTE Secreto. Kleber Mendonça Filho. CinemaScópio Produções (Brasil), 2025.

https://emerj.tjrj.jus.br/files/pages/paginas/biblioteca_videoteca/livro-aberto/contos/03_LIVRO_ABERTO_O%20segredo%20do%20Bonzo.pdf

https://www.youtube.com/watch?v=IU8j7lj4RdU&list=RDIU8j7lj4RdU&start_radio=1

<https://in.bot/agi/a-igreja-do-diabo-machado-de-assis.pdf>

<https://cdl-static.s3-sa-east-1.amazonaws.com/covers/gg/9788535916744/murilo-rubiao.jpg>

<https://murilorubiao.com.br>

<https://drive.google.com/file/d/1aw7wa0kqmFcm-qnUpDIGRtT8eY71TKnt/view>

Problemático Não-Lugar Do Fazer Poético de Cecília Meireles, da escritora e professora Miriam Bauab Puzzo;

Crônicas da Província do Brasil, de Manuel Bandeira.

<https://youtu.be/IEO0O-W3q44?si=bVVUbdYPKG8Y8uiLA;>

<https://youtu.be/T2VjJdQqqHs?si=0uvhAb82j4la6kdE;>

<https://www.youtube.com/live/dEQh71umq0I?si=v2kWTGkSFzN63C77>



**Precisando de uma
mãozinha com a
leitura e a escrita?**

Preencha o formulário
& agende um horário!



unitau.me/gelp



gelp@unitau.br

GELP
Grupo de Estudos em
Língua Portuguesa

